



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

"Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte". Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de "trabalho de campo" da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

Quando a academia fala ?pretuguês?: epistemologias forjadas nos marcos da experiência colonial

Autoria: Carolina Gonçalves Alves (fgv)

Historicamente homens e mulheres negros foram retratados como ?os outros?. Abdias Nascimento (2016) denunciou há tempos o exclusivismo branco para falar de coisas nossas. Carecemos de histórias narradas em primeira pessoa, já que as grandes narrativas foram contadas através das lentes do poder, insensíveis às nossas experiências cotidianas. A violência colonial é marcada pela negação de humanidade aos sujeitos negros, em especial às mulheres negras. Nossas reivindicações foram silenciadas, nossos corpos violados, nossas tradições e saberes negligenciados. Inspirada pelo ?pretuguês? de Lélia Gonzalez (2018), discuto a produção intelectual de negros e negras e sua importância na constituição de epistemologias forjadas nos marcos da experiência colonial. Grada Kilomba (2018) denuncia que a escrita acadêmica da mulher negra é, em geral, lida como subjetiva e excessivamente emocional. Que tipos de escrita são classificados como



emocionais? A escrita negra, sobretudo da uma mulher negra, está conectada com experiências de violência. Da mulher negra se espera tudo, menos que ela escreva. Reivindicar uma escrita preta é se conectar com o conceito de "escrevivência", de Conceição Evaristo, para pensar um modelo de produção intelectual que não se desvincula do "corpo-mulher-negra em vivência". Guiada por esse conceito, me proponho a discutir a experiência da escrita acadêmica negra, uma escrita criativa de "carne e sangue", conectada com a vida e profundamente marcada pela subjetividade do pesquisador. Abdias Nascimento (2016) reivindica a não neutralidade intelectual, sob a acusação de que se o fizesse, estaria traindo e distorcendo aquilo que é e representa. Demonstrando desinteresse no exercício de "de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida", Abdias nos provoca a produzir fora das fórmulas acadêmicas convencionais. Nesse artigo, pretendo discutir as experiências intelectuais negras, suas críticas às produções hegemônicas e sua contribuição na constituição de novas epistemologias. Vivemos um momento em que a história se volta para os negros e que a Europa deixa de ser o "centro de gravidade do mundo" (MBEMBE, 2018). Os chamados estudos pós-coloniais têm reivindicado a produção de conhecimento nas periferias. Essa virada epistemológica revela uma trama de poder, saber e representação, capaz de intensificar a produção de works que revisitam a história e a reescrevem a partir dos sujeitos que experimentaram a condição de subalternidade e que foram lidos historicamente pelas Ciências Sociais como "os outros".

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: